

A RESSIGNIFICAÇÃO DE FAVELA EM *BECOS DA MEMÓRIA*: DA FAVELAFOBIA AO BECO-LAR

THE RESIGNIFICATION OF SLUM IN *BECOS DA MEMÓRIA*: FROM SLUMPHOBIA DO SLUM AS HOME

Angela de Fátima Langa¹
Denise Almeida Silva²

RESUMO: Este artigo analisa a representação de uma favela e de seus moradores em *Becos da memória*, romance de Conceição Evaristo que proporciona a visão de sujeitos que, em nosso cotidiano, são excluídos socialmente. Considera-se, sobretudo, a construção, por esses sujeitos, da favela como lar, e o abalo sofrido por esse conceito ao longo do processo de desfavelamento tematizado pelo romance. Inicialmente, enfoca-se a favela: sua origem e a visão depreciativa que se construiu em torno dela, expondo-se, a seguir, o conceito de lar, sobretudo os fatores que levam um espaço a ser considerado como tal. Destaca-se, como no romance, os becos da favela constituem-se em lar para seus moradores, analisando a construção e desconstrução desse conceito ao longo da obra, uma vez que a imagem da favela como lar sofre modificação profunda com a remoção dos moradores e a destruição do espaço em que habitaram. Percebe-se divergência na avaliação da favela por parte da população hegemônica e da periférica, que a habita: para esta a favela é um lar, enquanto para aquela o espaço e seus moradores não passam de entraves à especulação imobiliária, razão pela qual é necessário que sejam reafirmados os estereótipos ligados à favelafobia. O estudo baseia-se na teorização sobre a favela e sobre o conceito de lar, especialmente Valença (2008), Zaluar: Alvito (2004), Davis (2005) e Abreu (1994), com relação à primeira noção, e Santos (2007), Huttunen (2005) e Hollander (1991), com relação à segunda.

Palavras-chave: *Becos da memória*. Conceição Evaristo. Favela. Favelafobia. Lar.

Introdução

Becos da memória, de Conceição Evaristo, foi publicado pela primeira vez em 2006 e reeditado em 2013. Escrita entre 1987 e 1988, a obra retrata memórias de uma favela que passou por um processo de desfavelamento, e narra o modo como este atinge os moradores, através das histórias colhidas atentamente por Maria-Nova,

¹ Mestre em Letras, área de concentração Literatura Comparada, pela URI/FW. Docente da rede pública de ensino de Ametista do Sul e Alpestre.

² Doutora em Letras. Docente do Departamento de Linguística, Letras e Artes da Universidade Regional Integrada (URI), campus de Frederico Westphalen.

narradora do romance; há a expressão de sua revolta pelo fato de vivenciar a dor de seus vizinhos e familiares ao serem obrigados a deixar suas moradias, o seu lar.

Na favela ficcional de Evaristo ganham voz pessoas que, em nosso cotidiano, são excluídas socialmente. O local descrito é imaginado pela autora para dar vida às memórias de Bondade, Maria-Velha, Tio Totó e tantos outros personagens. No entanto, Evaristo pode ter sido inspirada em uma ambiência e experiência reais, pelo fato de ter vivenciado a desocupação de uma favela na qual morava, e pela coincidência de nomes de alguns dos personagens com pessoas próximas à autora, como seu Tio Totó.

A poética expressão utilizada por Conceição Evaristo para denominar seu primeiro³ trabalho literário – *Becos da memória* – ambigualmente evoca tanto o espaço como suporte memorial (os “becos” em que se abriga a memória) como a representação desse espaço a partir da evocação memorial – nesse caso os becos, agora afetivamente recriados pela memória. Por outro lado, a escolha da palavra becos abre ainda outras implicações. Como o dicionário Michaelis registra, beco é uma rua estreita e curta, por vezes sem saída; por extensão, pode apontar para, embaraço, dificuldade insuperável. O dicionário arrola, ainda, a expressão “desocupar o beco”, a qual tem o sentido de sair, retirar-se. Todos estes sentidos estão presentes na obra, ambientada numa favela na qual as ruas seriam mais propriamente descritas como becos; afora o sentido literal, a situação enfocada, ou seja, um período de crise que vai culminar com um processo de desfavelamento, associa-se à ideia de dificuldade e, ainda, à de retirada.

Na análise que se pretende realizar, considerar a favela enquanto um lar é relevante, uma vez que assim a veem seus moradores. O fato de ter de abandonar a comunidade e os barracos, por mais pobre que fossem, os inquieta, pois é ali, naquele espaço humilde, esquecido, e que era desvalorizado até o momento, que se encontram seus laços afetivos, as relações sociais, as histórias de vida compartilhadas.

³ Embora não tenha sido o primeiro volume publicado, a obra foi a primeira a ser escrita, mas achou editor somente após a autora ser conhecida como contista e poetisa, e reconhecida como romancista, dado o sucesso de *Ponciá Vicêncio* (2003).

Por outro lado, ressalta-se que essa concepção contrasta com a da população hegemônica, moradores e especuladores imobiliários da área que circunda a favela, para os quais esta não passa de lugar insalubre e desorganizado, cujos moradores são entraves ao progresso e lucro.

Parte-se de uma reflexão acerca da imagem comumente associada à palavra favela: pobreza. Após resenhar a origem das favelas – o porquê da sua formação e como as pessoas vão parar ali – pretende-se mostrar que, embora ofereça condições precárias de sobrevivência, esse espaço também pode ser um lar. E o é, para os personagens de *Becos da memória*.

1 Pensando a favela, da favelafobia ao espaço-lar

A origem da palavra favela, no Brasil, remonta à época da Guerra de Canudos: o termo reflete a denominação dada a um arbusto comum na região onde se travou a guerra. Ao voltarem da luta com Antonio Conselheiro e seus adeptos, os soldados não tinham lugar onde morar no Rio de Janeiro. Assim, da mesma forma que o arbusto favela ocupa os morros da região de Canudos, ocuparam o morro da Providência, onde instalaram-se em alguns barracos, passando a chamar a esse assentamento de favela. Segundo Abreu,

[...] foi apenas durante a segunda década do século XX que a palavra *favela* teria se tornado um substantivo genérico, referindo-se não mais exclusivamente ao Morro da Favella, e sim designando um *habitat* pobre, de ocupação irregular e ilegal, em geral nas encostas (ABREU, 1994, p. 35 apud VALENÇA, 2008, p. 76, grifo do autor).

Embora registros das primeiras ocupações irregulares remontem ao período final da escravatura, quando os escravos legalmente libertos pelas leis do Ventre Livre (1871) e do Sexagenário (1885) não possuíam dinheiro para comprar propriedades, no Brasil falar de favela remete mais especificamente ao Rio de Janeiro da virada do século passado. Segundo Zaluar e Alvito informam em *Um século de favela* (2004), o termo remete particularmente à cidade nos primeiros anos da República. Por essa época, o Rio, então capital federal, aspirava transformar-se em cidade europeia, o que implicou algumas tentativas de embranquecimento da população. Para tanto, foi

necessário derrubar cortiços, resultando no crescimento da população pobre nos morros, charcos e demais áreas vazias em torno da capital.

De acordo com os organizadores do livro, “a favela ficou também registrada oficialmente como a área de habitações irregularmente construídas, sem arruamentos, sem plano urbano, sem esgotos, sem água, sem luz” (ZALUAR; ALVITO, 2004, p. 07). Em 1948 foi realizado pela prefeitura o primeiro censo das favelas do Rio de Janeiro. Segundo o documento oficial e público, os pretos e pardos prevaleciam na região por serem “hereditariamente atrasados, desprovidos de ambição e mal ajustados às exigências sociais modernas”. Percebe-se, aí, a visão degradante do espaço da favela e o preconceito contra os seus moradores. Naquele mesmo ano, 1948, o jornalista Carlos Lacerda publicou alguns artigos tendo como tema “A batalha do Rio de Janeiro” ou a “A batalha das favelas”, o qual havia tomado conta de jornais como *O globo*, *Diário da noite*, *Correio da manhã* e *Tribuna da imprensa*. Afirmava-se que as favelas eram “reservatórios de germes”, (potencialmente mais perigosos do que uma bomba atômica), “trampolins da morte”, devido aos desabamentos” (ZALUAR; ALVITO, 2004, p.13-14). Com isso reafirmavam-se preconceitos expressos já na virada do século: em documento de 1900, depositado no Arquivo Nacional, (uma carta do delegado da 10ª circunscrição ao chefe de polícia), o agente afirma que era impossível policiar o Morro da Providência, uma vez que estava “infestado de vagabundos e criminosos”. Por fim, a autoridade propõe a demolição do pardieiro (ZALUAR; ALVITO, 1998, p. 08 apud VALENÇA, 2008, p. 77).

Apesar de descrita, especificamente, a partir do contexto do Rio de Janeiro, a visão preconceituosa da favela não se circunscreve somente àquele estado, podendo ser generalizada:

A favela, vista pelos olhos das instituições e dos governos, é o lugar por excelência da *desordem*. [...] Ao longo deste século, a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral (ZALUAR; ALVITO, 2004, p. 14, grifo dos autores).

A associação de favela a degradação, desordem e doença persiste, mesmo se pensada a partir de contexto internacional, como Mike Davis demonstra em seu *Planeta Favela* (2006). Na obra, que perpassa os arrabaldes miseráveis da Índia, África e Américas, proporcionando abrangente análise das favelas ao redor do mundo, Davis discorre sobre a etimologia da palavra *slum*, favela em inglês, assinalando que *slum* é sinônimo de *racket*, “estelionato” ou “comércio criminoso” (DAVIS, 2006, p. 32). Segundo o autor, nos anos da epidemia de cólera, na década de 1830 e 1840, algumas pessoas não estavam praticando *slum*, mas sendo suas vítimas, já que a elas se roubava o direito de morar condignamente. Nota-se que o estereótipo de favela como espaço da criminalidade e pessoas desonestas está enraizado na sociedade inglesa também. Em meados do século XIX, *slums* podiam ser vistas na França, na América e na Índia, sendo que os especialistas e diletantes discutiam “onde a degradação humana era mais horrenda” (2006, p. 32).

Voltando ao contexto especificamente brasileiro, é possível perceber uma preocupação discriminatória e preconceituosa da sociedade contra essas “habitações imundas, nojentas e asquerosas, pocilgas” (BARBOSA, 2005, apud LIMA, 2006). Embora desprovidas de qualquer ajuda governamental e saneamento básico, a opção por residir nos centros urbanos era, para seus habitantes, uma questão de subsistência. Excluída das vagas de trabalho pelo fato de estar se importando mão-de-obra, a população negra procurava mercado de trabalho nos portos, e residia nos lugares mais próximos de seus serviços. Em *Becos da memória* um dos motivos que atemoriza os moradores por ter de deixar a favela é o fato de partirem para um espaço distante dos seus locais de trabalho: “Todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos.” (EVARISTO, 2013, p. 102).

Comentando a rejeição, alimentada pelos meios de comunicação, da sociedade em relação à favela, “vista como não-cidade e o morador da favela como não cidadão”, Barbosa define tal favelafobia:

A favelafobia é o medo das favelas, por ser considerado um espaço violento, e atração ao mesmo tempo. De um lado, temos a ideia de remoção de favelas, como se estas prejudicassem o meio ambiente. De outro, temos a atração pela mulata, o sambista, o funk, o hip hop e outras figuras e manifestações culturais típicas dessas comunidades. Essa relação ambígua entre a sociedade e as favelas precisa ser superada. Deve haver uma aproximação e não repulsa ou 'exotização'. É necessário entender a favela como diferença. (BARBOSA, 2005, apud LIMA, 2006).

Para pensar o inverso da repulsa inerente à favelafobia, ou seja, o amor pela favela, expresso em sua concepção como lar, retoma-se o pensamento de Santos (2007) sobre a dualidade dinheiro vs. território. Como fica claro no contexto do romance, o momento da "desfavelização" corresponde à ocasião em que o valor da área fica perceptível aos especuladores imobiliários. Conforme Mike Davis descreve em *Planeta Favela*, a urbanização irregular, na qual os espaços são habitados ilegalmente e sediam habitações de baixo padrão construídas pelo próprio morador, com pouco fornecimento de infraestrutura, só é possível quando há o consenso de que tal território é economicamente desprezível (DAVIS, 2006, p. 46-47). Davis cita a economista urbana Eileen Stillwaggon, cuja opinião é de que "a terra tem tão pouco valor que ninguém se dá ao trabalho de fazer cumprir seus direitos de propriedade sobre ela" (STILLWAGGON, apud DAVIS, 2006, p. 49). No entanto, assim que se percebe que um território possa ter alguma utilidade, a ocupação comercial da área depende não tanto da destruição das precárias construções lá instaladas, mas da remoção de seus moradores, os quais passam a ser encarados como "entraves humanos", e devem ser removidos. Assim, como Davis ainda ressalta, a "segregação urbana não é um *status quo* inalterável, mas uma guerra social incessante na qual o estado intervém regularmente em nome do 'progresso', do 'embelezamento' e até da 'justiça social para os pobres.'" (, 2006, p. 105).

Em *Becos da memória* ocorre o que descreve Davis (2006): percebe-se a utilidade comercial da área até então ocupada pela favela. Então, o primeiro passo rumo à especulação imobiliária consiste em destruir as construções precárias e remover seus moradores. Estes são, pois, obrigados a abandonar o beco-lar que os acolhia até aquele momento. Mas, por que a favela era considerada o lar daquelas

pessoas? Qualquer espaço pode ser visto com tal? E quais fatores contribuem para que um espaço possa ser tido como um lar?

Embora a casa seja muitas vezes relacionada com lar, para Hollander (1991, apud TERKENLI, 1995) essa definição pode ser restritiva e enganadora, pois nem sempre este espaço se constitui como tal: é necessário que represente abrigo, segurança e afetividade. Uma casa, embora luxuosa, não será considerada um lar pelos seus moradores caso não se sintam protegidos e, ainda mais, confortáveis e amados em seu ambiente

Lar é um termo multidimensional, irreduzível a apenas um conceito espacial: não só diz respeito ao espaço habitado, como se refere à esfera privada, ao espaço de intimidade, abrigo e vida familiar e a componentes emocionais, englobando ainda questões sobre raízes e memórias ligadas a certos lugares (TERKENLI (1995), HUTTUNEN (2005)). O conceito abarca, pois, aspectos como relações sociais e familiares. Alguns lugares são considerados mais acolhedores do que outros, não se podendo, assim, considerar qualquer casa ou abrigo como lar; as relações sociais estabelecidas na vizinhança que se habita também influenciarão no senso de lar do indivíduo. A presença de pessoas consideradas hostis pode desencadear o desejo de mudança, e alimentar a noção de que aquele lugar não mais se configura como lar.

Na obra em estudo, veremos que o sentimento de lar é formado, em parte, pelo compartilhamento de experiências, entre as quais têm destaque as histórias de vida coletadas pela narradora Maria-Nova. Será possível notar que, embora os moradores tenham tido que abandonar o local antes compartilhado, suas raízes na favela serão mantidas pelas histórias ouvidas, e mais tarde registradas e compartilhadas pela narradora. Tal noção de enraizamento se faz mais forte quando da iminência da perda do lar. Afinal, como Carole Boyce Davies comenta, embora no contexto da migração, a partida cria o desejo pelo lar, o que conduz, por outro lado, a sua reavaliação: o significado de lar é questionado quando se experimenta um deslocamento em relação a ele, em menor ou maior grau (DAVIES, 1994).

É justamente a noção de enraizamento, questionada quando da iminência da perda do lar, que fornece o mote a partir do qual a narrativa se desencadeia: “*Quem*

disse que o homem não gostaria de ter raízes que o prendessem à terra?” (EVARISTO, 2013, p. 31, grifo da autora), indaga a narradora ao evocar o drama do desfavelamento que a privou da companhia dos homens, mulheres e crianças com quem conviveu nos becos de sua favela. O questionamento desafia a noção que permite o processo de desocupação forçada, i. e, a convicção de que os moradores podem e devem ser desalojados de uma área que se tornou comercialmente rentável pois nenhum vínculo, legal ou de qualquer espécie, os apega àquela terra. Mesmo admitindo tacitamente a inexistência de tais raízes, o questionamento transfere para a área afetiva (“gostaria [...] de ter raízes”) a necessidade e deseabilidade de um enraizamento efetivo, ao mesmo tempo em que nega, com um provocativo “Quem disse”, a veracidade da assunção que os desaloja da terra. A pergunta funciona como uma epígrafe à narrativa das memórias da vivência na favela-lar e sua desocupação forçada, situando todo o processo dentro do confronto entre o olhar hegemônico, que ignora os “entraves humanos” que impedem a exploração da terra, e o olhar periférico, informado pelo amor pelos barracos de sua favela e seus habitantes. É a partir desse último olhar que se desenvolve a narrativa, da qual se analisa, a seguir, a concepção da favela como um lar.

2 Um lar nos becos da favela

Um lar nos becos da favela: será isto possível? Através da leitura de *Becos da memória* garante-se que isto pode ser possível, pois a favela era o espaço em que todos se encontravam, se conheciam e se entendiam. As dores, privações, alegrias (poucas, mas havia) – tudo era compartilhado entre todos. Viver na favela era viver em comunidade. Era dividir as torneiras de lavar roupa, a curiosidade de ver a “Outra” que vivia com Vó Rita, a gentileza de conceder uma noite, duas ou mais de pouso para Bondade. É, ainda, como faz a narradora anos mais tarde, compartilhar as histórias que ali se construíram. Afirma-se que é possível a existência de um lar nos becos da favela, mesmo em meio à exclusão, ao esquecimento pelos governantes e à indiferença dos outros, que se consideram mais importantes a ponto de promover o desfavelamento.

Conforme já foi visto, considerar um espaço como lar implica bem mais do que afirmar que se vive ali. É necessário que a simples estadia se transforme em relações sociais afetivas e que a comunidade seja símbolo de acolhida, já que ninguém consegue construir esse conceito em isolamento: necessitamos um círculo de relações sociais que nos validem como seres humanos.

Lares pessoais podem estar intimamente ligados e articulados por associações familiares e comunitárias; já lares coletivos podem ser delimitados por conflitos étnicos, sociais, cívicos ou ideológicos. No romance em análise, percebe-se o lar tanto em instância familiar como coletiva. É o fato de existir a união entre todos que causa ainda mais sofrimento quando têm de partir. Em sua rememoração, Maria Nova ressalta o relacionamento de Bondade com os favelados, o qual poderia, aqui, ser tomado como exemplar com vinculação às relações sociais dentro daquela comunidade, em que um relacionamento harmônico fazia com que todos se sentissem bem:

Bondade conhecia todas as misérias e grandezas da favela. Ele sabia que há pobres que são capazes de dividir, de dar o pouco que têm e que há pobres mais egoístas em suas misérias do que os ricos na fartura deles. Ele conhecia cada barraco, cada habitante. Com jeito, ele acabava entrando no coração de todos (EVARISTO, 2013, p. 54).

A comunidade era o lar de todos; apesar de todas as deficiências em infraestrutura, era rica em afetividade. Exemplo disso é o aconchego encontrado por Bondade na casa dos moradores e a paz transmitida a todos por Vó Rita. A figura de Vó Rita é um dos motivos que faz com que a favela seja o lar de todos: as canções, e presença fazem com que todos se unam.

Da mesma forma ocorre com Bondade, personagem que não tem um lar fixo, mas vê a favela como seu lar coletivo:

O tempo ia passando, Bondade ficando ali. Comia em casa de um, bebia em casa de outro. Era amigo comum de dois ou mais inimigos. Não era traidor nem mediador também. Quando chegava a casa de um, por mais que indagassem, por mais que futricassem, Bondade não abria a boca. [...] Vivia intensamente cada lugar em

que chegava. Cada casa, cada pessoa, cada miséria e grandeza a seu tempo certo, no seu exato momento (EVARISTO, 2013, p. 41).

Desprovido de uma casa que fosse somente sua, o personagem encontra abrigo na comunidade em qualquer moradia. Na verdade, tanto quanto vó Rita, Bondade exerce função aglutinadora, liderando os moradores em atividades comunais. Este é o caso, por exemplo, de seu papel de destaque nos festivais de bola, eventos que contribuíam para alimentar o senso comunitário de pertença dos moradores. Como a narradora registra:

Bondade adorava os festivais de bola. Não jogava, mas tinha o uniforme completo do time. Ele era uma espécie de talismã, era o 'pé de coelho' da moçada. Nos jogos em que o Bondade não aparecia podia-se saber que alguma coisa não sairia bem (EVARISTO, 2013, p. 39).

Também as memórias acerca da volta de Ditinha provam o quanto aquele espaço era acolhedor, e é mesmo emocionante a forma como é descrito o momento de sua recepção, e a emoção e da alegria dos vizinhos em tê-la de volta à favela. Ditinha cobre o rosto com as mãos, envergonhada da cobiça que levou ao furto da joia da patroa, e, desta ação, ao período no cárcere. Os moradores, porém, a acolhem como se nada tivesse acontecido: afinal, ela é uma deles, e ali é o seu lar:

[...] As vozes, as emoções se liberaram. Ditinha! Era Ditinha! A mulher havia voltado! Ela cobriu o rosto com as mãos! Parou! Grandes e crianças que nem estavam acostumados a grandes demonstrações de carinho correram para ela e a pegaram no colo. Andaram com ela ali em volta feito santo em andor. Gritando, chorando, rindo. Que bom, Ditinha havia voltado! Ditinha havia voltado! Depois solenemente colocaram a mulher no caminhão como se colocassem um santo no altar. Todos choravam. O motorista do caminhão enxugou uma lágrima no canto dos olhos (EVARISTO, 2013, p. 239).

As rotinas estabelecidas na favela colaboram para que o senso de lar seja fortalecido. As andanças de Maria-Nova pelos becos, as lavadeiras e as suas conversas nas torneiras são momentos rotineiros da vida em comunidade, e podem ser vistas

também como marcas do grupo, intensas a tal ponto que, embora este se disperse, a memória dessa rotina permanece nas lembranças de seus moradores, como exemplifica a própria obra *Becos da memória*, a qual estabelece com o leitor o pacto de se tratar de uma recriação memorial da narradora de seus tempos de menina na favela.

Como já expostos, rotinas e as marcas do grupo contribuem para o enraizamento do indivíduo ao espaço e fazem com que este se sinta pertencente ao lar que construiu; vale ainda lembrar Halbwachs (2006), quando afirma que os laços que prendem o sujeito ao espaço aparecem nitidamente quando estão para serem rompidos. Em *Becos da memória*, Tio Totó, assim como os outros personagens, sofre com o desfavelamento e o abandono forçado do seu lar:

Tio Totó não se conformava com o acontecimento. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? [...] Tio Totó anda inconsolável, já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada (EVARISTO, 2013, p. 31).

Ainda:

Vó Rita estava desolada, só que escondia. Não podia e nem queria deixar transparecer a tristeza. A Outra andava tão amargurada ultimamente! Aliás, todos andavam amargurados. Não era para menos, o desfavelamento recomeçara. E recomeçara bravo. Os homens exigiam a saída rápida dos moradores. Que se ajuntasse logo os trapos! (EVARISTO, 2013, p. 120).

O enraizamento é também constituinte do sentimento de identidade de um indivíduo e até mesmo de um grupo. Sentir-se no lar remete à identificação do sujeito com os que estão ao seu lado, bem como com o espaço a que estão atrelados. Permanecer na favela implicaria a manutenção do senso de continuidade e de estar no lar.

Com o desfavelamento, o sentimento de lar estava sendo desconstruído. Andando “desesperadamente calma” pela favela, Maria-Nova constatou que uma

boa área já tinha sido aplainada. Lembrou-se dos que moravam ali e da quantidade de famílias que já havia partido. A época do festival de futebol já estava chegando, mas ninguém ainda havia se manifestado:

[...] Faltava muita gente: os que haviam ido embora e os que haviam partido para sempre. Quem este ano tiraria o samba? O som da cuíca, do atabaque e do pandeiro? Os homens-vadios-meninos haviam ido brincar no carrinho trator... E os que ainda estavam por ali andavam sem coragem, sem muitos desejos (EVARISTO, 2013, p. 190).

A modificação do espaço, bem como da ausência de algumas pessoas diminuía a imagem da favela como um lar. Os acontecimentos tradicionais deixaram de acontecer, ocasionando até o enfraquecimento da união do grupo:

Ameaçados, ou melhor, confrontados diante do desfavelamento, um desânimo amolecia a vontade de todos. Emoções confusas tomavam conta de Maria-Nova e a menina procurava se equilibrar em meio de tantos acontecimentos. [...] Percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio. Um ódio que passara a existir entre pessoas que até então se gostavam tanto e que um sentimento fora dirigido à pessoa errada (EVARISTO, 2013, p. 191).

Nos últimos tempos qualquer coisa era motivo de briga entre os moradores que ainda restavam. Todos estavam totalmente desestruturados. “Era a galinha de um que espalhava o cisco do outro. Era a bola de uma criança que caía na área do barraco de alguém”. (EVARISTO, 2013, p. 213). As pessoas já não queriam mais ficar ali. O desejo agora era pelo caminhão: “Havia famílias que, quando o caminhão de mudanças aparecia, elas mesmas se ofereciam para ir. Ficar ali tinha se tornado um inferno.” (EVARISTO, 2013, p. 218). As torneiras haviam sido destruídas, restando só algumas que jorravam pouca água durante poucas horas por dia. As lavadeiras começaram a perder a freguesia. Os que resistiam não sabiam ao certo como e por quê permanecer.

Essa desconstrução do senso de lar tornou os moradores melancólicos, pois desejavam um espaço que não existia mais. O desmanche da ambiência do lar os incomodava, pois não se conformavam com a destruição do beco-lar que há tanto tempo os acolhera. A vontade de partir não era porque não consideravam mais a favela como lar, mas porque não suportariam esperar até o fim para ver tudo vazio. Partiam tristes porque a realidade da favela, agora, não mais correspondia à imagem que dela haviam construído, a favela que haviam conhecido como seu lar. Essa imagem, porém, permanece com a narradora: a favela acabou fisicamente, mas a saudade do que se perdeu faz com que ela persistisse nas memórias de Maria-Nova.

A menina coletava, nesses últimos dias na favela, somente histórias tristes, não dos outros, mas dela mesma. A morte de Tio Totó, a partida de Bondade e a destruição do seu lar. “E por entre lágrimas, num quase desespero, ela viu Bondade com seu andar manso e macio partir.” (EVARISTO, 2013, p. 249). Via que o seu lar não estava acabando somente física, mas emocionalmente também. As relações sociais que antes existiam, apesar das dificuldades, agora estavam desfeitas, pois quem não havia partido ainda já não se preocupava com ninguém. Uma das únicas que restava ali e que ainda se importava com os outros era Vó Rita. Ela conformava-se por saber que usara uma única arma, o amor. Não tinha bens materiais para enumerar porque todos os seus bens estavam guardados, retidos no peito.

Assim como Maria-Nova inicia as memórias do beco rememorando Vó Rita, ela termina com essa personagem, que para ela representa o centro e alma da favela. Em seu sonho na última noite na favela, Vó Rita entra devagarinho em seu quarto, calada:

[...] E eis que ela chegou pé ante pé. Grandona, gorda, desajeitada. Abriu a blusa e através do negro luzidio e transparente de sua pele, via-se lá dentro um coração enorme.

E a cada batida do coração de Vó Rita nasciam os homens.

Todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos...

Do coração enorme, grande de Vó Rita, nascia a humanidade inteira (EVARISTO, 2013, p. 256).

Este sonho, com sua evocação de união, renovação e esperança baseada na fraternidade e amor encerra o romance. Contrastando com a obliteração do ser humano efetuada por parte dos especuladores imobiliários, os parágrafos finais do livro reafirmam que ali, nos becos miseráveis e insalubres, mora gente, capaz de sentir e de amar. As linhas acentuam o impacto do contraste entre a visão degradada de favela, abrigada pela comunidade que a circundava, e a de favela como lar, própria de seus moradores. O objetivo da comunidade hegemônica foi alcançado, pois o beco-lar foi destruído até mesmo antes que os barracos deixassem de existir, tendo em vista que o senso de lar não se constituía apenas de bens materiais, mas, sobretudo, de bens emocionais e afetivos. Os moradores partiram porque suas raízes já não tinham mais suporte, pois o seu espaço foi desfeito, tornando-se irreconhecível. Nem o amor de Vó Rita conseguiu manter ali aqueles que, em sua mente, já estavam desenraizados.

Reflexões conclusivas

Contrastar a visão degradada da favela com sua concepção como lar permitiu ressaltar diferentes construções de um mesmo espaço, as quais vêm a existir a partir de posicionalidade e visão contrastiva. Se à classe hegemônica a favela é desde sempre um espaço marcado pela desordem, doença, e sujeira, a qual abriga seres tão poluídos e degradados quanto o ambiente em que moram, a visão que emana quando descrita por seus próprios moradores é bem outra. Há organização, como demonstram as rotinas comportamentais e comunitárias que contribuem para a socialização e formação do senso comunitário de seus habitantes; ademais, pobreza não rima necessariamente com criminalidade e sujeira. Que o digam as lavadoras, mulheres trabalhadoras rotineiramente envolvidas na limpeza da roupa de seus outros; há, é verdade, a tentação e furto praticados por Ditinha, mas estes são descritos de forma a provocar simpatia para com a doméstica deslumbrada com as joias da patroa, cuja textura e brilho desejara experimentar. Ademais, em contraste com a noção do favelado como não cidadão, instaura-se a visão do favelado como aquele contra quem o estelionato da cidadania é praticado: como se rouba apenas

o que a alguém pertence por direito, inscreve-se a visão do favelado como um cidadão de direito, se não de fato, dadas as circunstâncias e limites adversos que lhes são impostos

A constatação dos becos como um lar para os moradores traz consigo a tentativa de amenizar a favelafobia e sua visão estereotipada. Fez-se perceber que, apesar da pobreza e o esquecimento pela parte dos governantes, as favelas são como qualquer outro bairro que, apesar dos problemas, acolhe seres humanos, que têm sentimentos e sonhos. Essa visão é importante, dada a maneira como um conceito negativo de favela encontra-se entranhado na sociedade: notou-se que não há muitas diferenças entre conceitos e visões construídas em torno da favela no Brasil, em relação àquelas do contexto inglês, pois em ambos os contextos são construídas como lugar de pessoas criminosas, sem vontade de trabalhar e pobres. Assim, não devem ultrapassar os limites da favela, permanecendo separados, em relação à classe hegemônica, ou seja, às margens da sociedade. Os moradores da favela de *Becos da memória*, embora permaneçam, em relação a sua própria posicionalidade, do “lado de cá”, sabem que os limites que lhes são impostos não são apenas geográficos, mas socioeconômicos. Mais do que isso, percebem que esses limites, inspirados por histórica favelafobia, são de molde a separá-los de seus outros, os habitantes “do lado de lá”. A esse limite respondem com a aspiração a uma fraternidade universal, alicerçada pela certeza da natureza compartilhada de todos: a “humanidade inteira”, desprovida de fronteiras étnicas ou sociais, que emana do peito de vó Rita.

ABSTRACT: This essay analyzes the representation of a slum and its residents in *Becos da memória*, a novel by Conceição Evaristo which subjectifies people who are usually socially excluded in our society. This work analyses, above all, how these subjects construct the slum as home, and the shattering of the latter along the imposition of abandonment of the slum which is thematized in the novel. The essay proceeds by, initially, focusing the slum: its origin and the derogatory view that was built around it, going on to expose the concept of home, especially the factors that make a space to be considered as such. Noteworthy is how, in the novel, the slum alleys are considered home by their residents, a notion that is constructed and then deconstructed in the novel, since the idea of slum as home undergoes profound

change along the process of its residents' removal and of the space destruction. A clear divergence in the assessment of the slum by the hegemonic population and the peripheral one is perceived: for the latter it is home, while for the first the slum and its residents are just barriers to real estate speculation, reason by which the stereotypes linked to "slumphobia" are asserted. The study is based on reflections about the concept of slum (Valencia (2008); Zaluar: Alvito (2004); Davis (2005); Abreu (1994)) and home (Santos (2007); Huttunen (2005) and Hollander (1991)).

Keywords: *Becos da memória*. Conceição Evaristo. Slum. Slumphobia. Home

Referências

DAVIES, Carole Boyce. *Black woman, writing and identity*. migrations of the subject. London: Routledge, 1994.

DAVIS, Mike. *Planeta favela*. Tradução de Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 2. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. Título original: *La mémoire collective*.

HUTTUNEN, Laura. 'Home' and ethnicity in the context of war: Hesitant diasporas of Bosnian refugees. *European journal of cultural studies*. London, v. 08, n. 02, p. 177-195, 2005.

LIMA, Anderson. Favela: alegria e dor na cidade. In: *Santíssimo Sacramento*, 2006. Disponível em: < <http://andersonlimaofm.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 15 mar 2015.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton et al. *Território, territórios*: ensaios sobre o ordenamento territorial. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

TERKENLI, Theano S. Home as Region. In: *Geographical Review*, v. 85, n. 3 (Jul 1995), p. 324-334.

VALENÇA, Márcio Moraes et. al. *Cidade (i)legal*. Rio de Janeiro: MAUAD Ltda, 2008.

Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?id=DtFFOJk2AnwC&pg=PA76&dq=origemd+a+palavra+%22favela%22&hl=pt-R&sa=X&ei=OY#v=onepage&q=origemd%20a%20palavra%20%22favela%22&f=false>> Acesso em: 09 abr. 2015.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Revista *Literatura em Debate*, v. 9, n. 17, p. 80-95, dez. 2015. Recebido em: 30/09/2015 Aceito em: 10/12/2015.